

FASUL EDUCACIONAL **(Fasul Educacional EaD)**

PÓS-GRADUAÇÃO

LÍNGUA PORTUGUESA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

LÍNGUA PORTUGUESA

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA
RESUMO
O objetivo geral desta disciplina é revisar os conteúdos gramaticais de modo a esclarecer pontos essenciais da gramática para o uso efetivo da língua nas mais diversas situações comunicativas. Para isso destacamos: aspectos gramaticais; morfossintaxe; verbo, regência verbal e nominal; escrita e ampliação de frases; vícios de linguagem e leitura e interpretação de textos.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 ASPECTOS GRAMATICAIS PONTUAÇÃO ACENTO GRAVE/CRASE ACENTUAÇÃO ORTOGRAFIA GERAL
AULA 2 CLASSES GRAMATICAIS MORFOSSINTAXE SINTAXE PRONOMES EM CONTEXTO CONJUNÇÃO E PREPOSIÇÃO
AULA 3 VERBO COMO CLASSE GRAMATICAL SUBSTANTIVOS, ADJETIVOS E ADVÉRBIOS – CLASSES NOMINAIS ESTRUTURA DAS FRASES A PARTIR DOS VERBOS REGÊNCIA NOMINAL REGÊNCIA VERBAL
AULA 4 FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO PERÍODO SIMPLES PERÍODO COMPOSTO VÍCIOS DE LINGUAGEM AMBIGUIDADE
AULA 5 LEITURA: CONCEPÇÕES NÍVEIS E ESTRATÉGIAS DE LEITURA INTERTEXTUALIDADE COERÊNCIA INFERÊNCIAS

AULA 6

TEXTO E CONTEXTO
TIPOLOGIA E GÊNEROS TEXTUAIS
GÊNEROS ACADÊMICOS
ARGUMENTAÇÃO NA ESCRITA ACADÊMICA
ELEMENTOS DA ESCRITA ACADÊMICA

BIBLIOGRAFIAS

- FARACO, C. A. Norma culta brasileira: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.
- FREIRE, M. Sedução fatal dos neurônios. Superinteressante, ed. 158. São Paulo, 2000.
- SILVA, A. da.; MORAES, A. G. de. E.; MELO, K. L. R. de. Ortografia na sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DISCIPLINA:

DIDÁTICA DO ENSINO E AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM EM LÍNGUA PORTUGUESA

RESUMO

Ao longo de um estudo sobre metodologia, é comum e esperado que tentemos compreender como todas as teorias estudadas serão aplicadas em sala de aula. Quando pensamos, por exemplo, nas aulas de Língua Portuguesa, a aplicação é percebida com maior facilidade, assim como nas aulas de metodologias. No entanto, algumas disciplinas de estudos linguísticos podem causar dúvidas sobre a aplicabilidade na Educação Básica. O fato é que uma formação inicial de professores não tem o objetivo de ensinar apenas o que será tema de estudo na Educação Básica. Espera-se que, ao longo dos estudos, os futuros professores compreendam os processos linguísticos, as formas como cada um aprende, os principais conceitos sobre língua e as mudanças sociais. Todos esses conceitos são essenciais para o processo de ensino-aprendizagem de línguas, mas não são, necessariamente, tema de estudo da Educação Básica.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
UM POUCO DE HISTÓRIA: 1549– 1930
UM POUCO DE HISTÓRIA: 1930– SÉCULO XXI
DIDÁTICA E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM
A DIDÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

AULA 2

INTRODUÇÃO
A DIMENSÃO PESSOAL
A DIMENSÃO COGNITIVA
CURRÍCULO E A DIDÁTICA
A LÍNGUA PORTUGUESA NA BNCC

AULA 3

INTRODUÇÃO
O QUE CONSIDERAR PARA O PLANEJAMENTO?
OS MATERIAIS E RECURSOS DIDÁTICOS
PLANOS DE ENSINO E PLANOS DE AULA
OLHAR CRITICAMENTE O ENSINO E O APRENDER POR MEIO DA DIDÁTICA

AULA 4

INTRODUÇÃO
EIXO DA LEITURA
EIXO DA PRODUÇÃO DE TEXTOS
EIXO DA ORALIDADE
EIXO DA ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA

AULA 5

INTRODUÇÃO
O QUE AVALIAR: ESCRITA
O QUE AVALIAR: ORALIDADE
TIPOS DE AVALIAÇÃO
SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (SAEB)

AULA 6

INTRODUÇÃO
APRESENTAÇÃO DE UMA SITUAÇÃO DE INTERAÇÃO
PRODUÇÃO INICIAL DO GÊNERO
MÓDULOS DE ATIVIDADES
PRODUÇÃO FINAL

BIBLIOGRAFIAS

- COUTINHO, C. O ensino da língua portuguesa no Império e na Primeira República. DISCURSIVIDADES, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e1212303, 2023. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REDISC/article/view/1414>.
- FÁVERO, L. História da disciplina Português na escola brasileira. Revista Diadorim. v. 6. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3886/15776>.
- SAVIANI, D. Histórias das ideias pedagógicas no Brasil. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

DISCIPLINA:

METODOLOGIAS ATIVAS

RESUMO

A educação é um meio único para trazer mudanças sociais, porém, devido às diversas mudanças na sociedade, surge a necessidade de introduzir mudanças também no sistema educacional. Neste contexto, as metodologias devem oportunizar o cumprimento dos objetivos desejados. Sendo assim, para que os estudantes se tornem participativos, torna-se fundamental a adoção de metodologias que os envolvem e atividades cada vez mais criativas e elaboradas. Nesse sentido, para tratar dessas possibilidades as Metodologias Ativas se tornam essenciais, pois a partir delas se concebe a sala de aula como um espaço vivo, de trocas, resultados e pesquisas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO
O QUE É ENSINO?
METODOLOGIAS DE ENSINO
METODOLOGIAS ATIVAS: CONCEITUAÇÃO
SURGIMENTO DAS METODOLOGIAS ATIVAS: CONTEXTO HISTÓRICO

AULA 2

INTRODUÇÃO

METODOLOGIAS ATIVAS E TEORIAS DA APRENDIZAGEM

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – CONCEITO

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA – HISTÓRICO

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E SUA RELAÇÃO COM AS METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 3

INTRODUÇÃO

METODOLOGIAS ATIVAS E FORMAÇÃO DOCENTE

METODOLOGIAS ATIVAS E TECNOLOGIAS

METODOLOGIAS ATIVAS E A FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIAS

TIPOS DE METODOLOGIAS ATIVAS

AULA 4

INTRODUÇÃO

CULTURA DIGITAL

APRENDER COM TECNOLOGIAS: NOVOS CAMINHOS

A SALA DE AULA HOJE: ESPAÇOS DIVERSOS

METODOLOGIAS ATIVAS, ENSINO A DISTÂNCIA E ENSINO HÍBRIDO

AULA 5

INTRODUÇÃO

EDUCAÇÃO INCLUSIVA

O ALUNO E SUA RELAÇÃO COM A APRENDIZAGEM

O PAPEL DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA INCLUSIVA

METODOLOGIAS ATIVAS COMO ESTRATÉGIA PARA UMA EDUCAÇÃO MAIS INCLUSIVA

AULA 6

INTRODUÇÃO

ESTUDO DE CASO E SALA DE AULA INVERTIDA

APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS

GAMIFICAÇÃO, DESIGN THINKING E CULTURA MAKER

METODOLOGIAS ATIVAS E AVALIAÇÃO

BIBLIOGRAFIAS

- ABREU, J. R. P. de. Contexto atual do ensino médico: metodologias tradicionais e ativas – necessidades pedagógicas dos professores e da estrutura das escolas. 2011. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- ALENCAR, G.; BORGES, T. S. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. Cairu em Revista, jul./ago. 2014, Ano 3, n. 4, p. 119-143.
- ARAÚJO, J. C. Fundamentos da metodologia de ensino ativa (1890-1931) – UNIUBE/UFU. 37. Reunião Nacional da ANPEd – 4 a 8 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

DISCIPLINA:

OS PROCESSOS FONÉTICOS E A APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA

RESUMO

Como professores de turmas dos anos iniciais do ensino fundamental recebemos, ano após ano, crianças ávidas por descobrir o “segredo das letras”. Quantas vezes ouvimos a pergunta “Professora, quando vou aprender a ler e a escrever?” Por que esse processo é tão moroso se as crianças já são falantes da língua materna? A busca por essa resposta nos conduz a um longo processo que exigirá um trabalho pedagógico intenso, partindo do contexto histórico da linguística para a compreensão da língua materna, o qual nos levará ao conhecimento da anatomia responsável pelo desenvolvimento da linguagem falada, passando pela explicitação da organização da estrutura linguística da língua portuguesa. Isso se faz necessário para o planejamento de estratégias que levem nossas crianças a Compreender a estrutura da língua materna da forma mais natural possível, para que desenvolvam as habilidades de leitura e escrita.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

CONTRIBUIÇÕES DE SAUSSURE A LINGUÍSTICA E SUAS RELAÇÕES AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

CONTRIBUIÇÕES DE CHOMSKY À LINGUÍSTICA E SUAS RELAÇÕES AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O DESENVOLVIMENTO DO APARELHO FONADOR: O MARCO DA LÍNGUA FALADA

A CATEGORIZAÇÃO DAS VOGAIS COMO FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

A CATEGORIZAÇÃO DAS CONSOANTES COMO FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

AULA 2

CONTRIBUIÇÕES DE SAUSSURE A LINGUÍSTICA E SUAS RELAÇÕES AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

CONTRIBUIÇÕES DE CHOMSKY À LINGUÍSTICA E SUAS RELAÇÕES AO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O DESENVOLVIMENTO DO APARELHO FONADOR: O MARCO DA LÍNGUA FALADA

A CATEGORIZAÇÃO DAS VOGAIS COMO FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

A CATEGORIZAÇÃO DAS CONSOANTES COMO FONEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

AULA 3

O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

A ORALIDADE NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO

CONSIDERAÇÕES SOBRE VARIEDADE LINGUÍSTICA

COMPREENDENDO O PRECONCEITO LINGUÍSTICO PARA EVITÁ-LO

LINGUAGEM: COMUNICAÇÃO EM CONSTANTE PROCESSO

AULA 4

A COMPLEXIDADE DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA

MODELOS DE PROCESSAMENTO DA LEITURA

RELAÇÃO ENTRE FONOLOGIA E LEITURA

LEITURA E COMPREENSÃO

ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA COMPREENSÃO LEITORA

AULA 5

A COMPLEXIDADE DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA ESCRITA

RELAÇÃO ENTRE FONOLOGIA E ESCRITA

FONOLOGIA E A PRODUÇÃO TEXTUAL ESPONTÂNEA

LINGUAGEM ESCRITA E PERSPECTIVAS DE REVISÃO TEXTUAL
REVISÃO TEXTUAL: PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

AULA 6

CONSCIÊNCIA FONÊMICA

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

HABILIDADES METALINGUÍSTICAS

LETRAMENTO E HABILIDADES METALINGUÍSTICAS

SUGESTÕES DE ATIVIDADES METALINGUÍSTICAS

BIBLIOGRAFIAS

- CORTINA, A.; MARCHEZAN, R. C. Princípios gerais em linguística. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 14-25, v. 11. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/40352?mode=full>.
- FERREIRA, R. G. F. et al. A filogênese da linguagem: novas abordagens de antigas questões. Arq. Neuro-Psiquiatria, São Paulo, 2000, v. 58, n. 1, p.188-194, 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-282X2000000100030&script=sci_abstract&tlng=pt.
- PARREIRA, M. S. A importância do pensamento de Saussure e da teoria de Chomsky para a Linguística Moderna. Domínios de lingu@gem, v. 11, n. 3, p.1024-1044, out. 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/36978/20931>.

DISCIPLINA:

GAMES E GAMIFICAÇÃO

RESUMO

Há uma discussão sobre a terminologia que se deveria utilizar, em língua portuguesa, para se referir aos videogames. Alguns autores preferem as expressões jogos digitais ou jogos eletrônicos. Em inglês, é importante distinguir games (cuja tradução seria jogos, em geral, não apenas digitais ou eletrônicos, mas também analógicos) de vídeo games (que apresenta a palavra videogame em língua portuguesa e se refere aos jogos eletrônicos ou digitais). Entretanto, em português utilizamos no dia a dia a palavra games para nos referirmos ao que em inglês se denomina vídeo games, e cuja tradução mais adequada seria jogos eletrônicos ou jogos digitais. Nesta disciplina, utilizamos games nesse sentido, ou seja, para nos referirmos aos jogos eletrônicos ou digitais, que é seu uso mais corrente, mesmo fora da universidade e entre os jogadores.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

MARC PRENSKY: APRENDIZAGEM BASEADA EM JOGOS DIGITAIS

IAN BOGOST: GAMES PERSUASIVOS / JANE MCGONIGAL: GAMES PARA RESOLVER PROBLEMAS REAIS COMPLEXOS

DAVID SCHAFFER: GAMES EPISTÊMICOS

PRINCÍPIOS DO DESIGN DE GAMES EDUCACIONAIS

AULA 2

INTRODUÇÃO

GAMES E FUNÇÕES EXECUTIVAS

ESCOLA DO CÉREBRO

INTERVENÇÕES COM A ESCOLA DO CÉREBRO
GAMES E CONTROLE DA ATENÇÃO

AULA 3

INTRODUÇÃO
MCDONALD'S VIDEOGAME
SCRATCH
MINECRAFT
OUTROS EXEMPLOS DE GAMES

AULA 4

INTRODUÇÃO
ELEMENTOS DE DESIGN DE GAMES
APLICAÇÕES DA GAMIFICAÇÃO
ÉTICA NA GAMIFICAÇÃO
CRÍTICAS À GAMIFICAÇÃO

AULA 5

INTRODUÇÃO
GAMIFICAÇÃO EM BIBLIOTECAS - DIVERSOS JOGOS PARA EDUCAÇÃO DO
PROCESSO DE USO DE BIBLIOTECAS
JOGOS DE TABULEIRO
O JOGO DO MÉTODO
GAMIFICAÇÃO NA ADMINISTRAÇÃO

AULA 6

INTRODUÇÃO
GAMES E VIOLÊNCIA
SBGAMES
ASSOCIAÇÕES E PERIÓDICOS
CONCLUINDO

BIBLIOGRAFIAS

- BOTTREL, F. Entrevista/Ian Bogost: especialista cria jogos com linguagem capaz de produzir diversão e engajamento. Em.com.br, 28 abr. 2011. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/tecnologia/2011/04/28/interna_tecnologia,224212/entrevista-ian-bogost.shtml.
- FORTUGNO, N.; ZIMMERMAN, E. Learning to play to learn: lessons in educational game design. Eric Zimmerman, 2010. Disponível em: <http://www.ericzimmerman.com/texts/learningtoplay.html>.
- GEE, J. P. Bons video games e boa aprendizagem. Perspectiva, v. 27, n. 1, p.167-178, 2009.

DISCIPLINA:

OFICINA DE PRODUÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS

RESUMO

Redigir um bom texto pressupõe estabelecer uma rede de relações e ter consciência de que as estruturas nela existentes denotam diferentes modos interpretativos dessas relações. A disciplina 'Teorias do texto' surge com base nessa reflexão como mais uma fonte corroborativa

na difícil arte de escrever. Seu objetivo é fornecer aos leitores subsídios concretos, além de apresentar caminhos e sugestões sobre as tipologias textuais mais usuais no meio acadêmico.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

CONCEITO DE TEXTO
TEXTUALIDADE
TIPOLOGIA TEXTUAL

AULA 2

CONCEITOS DE PARÁGRAFO
ESTRUTURA DO PARÁGRAFO
COESÃO E ORGANIZAÇÃO DO PARÁGRAFO

AULA 3

ELEMENTOS DO DISCURSO
ARGUMENTAÇÃO
DISCURSO POLÍTICO

AULA 4

A QUESTÃO DA PESSOA NA DISSERTAÇÃO
A QUESTÃO DO TEMPO NA DISSERTAÇÃO
A QUESTÃO DO ESPAÇO EM TEXTOS DISSERTATIVOS

AULA 5

RECURSOS ARGUMENTATIVOS
RETROSPECTIVA HISTÓRICA

AULA 6

MECANISMOS DE COESÃO TEXTUAL
REFERÊNCIAS TEXTUAIS
CONECTORES TEXTUAIS
RECLASSIFICAÇÃO DOS MECANISMOS DE COESÃO

BIBLIOGRAFIAS

- MORAES, V. de. Soneto de fidelidade. Jornal de Poesia, Fortaleza. Disponível em: <http://www.revista.agulha.nom.br/vm2.html>.
- UNICAMP – Universidade Federal de Campinas. Vestibular nacional Unicamp. 1993. Disponível em: http://www.comvest.unicamp.br/vestanteriores/1993/download/POR_BIO.pdf.
- DISCUTINDO A LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Escala Educacional, ano 1, n. 6, fev. 2007. 68 p.

DISCIPLINA:

TÓPICOS GRAMATICAIS: ASPECTOS MORFOLÓGICOS E SINTÁTICOS

RESUMO

Ementa: aspectos morfológicos da Língua Portuguesa e sua contribuição para o conhecimento dos aspectos sintáticos. Competências: aprofundar conhecimentos sobre a morfologia da Língua Portuguesa; verificar a contribuição da morfologia para o entendimento dos aspectos sintáticos da língua; oração, período, sujeito, predicado, complementos verbal e nominal, adjuntos adverbial e nominal; as funções gramaticais e o texto; as implicações da sintaxe no

texto. Conhecimentos: aspectos gramaticais, estudos morfológicos e sintáticos da Língua Portuguesa. Habilidades: reconhecer os estudos morfológicos como base para os estudos sintáticos; saber trabalhar tanto os aspectos morfológicos quanto os sintáticos da Língua Portuguesa.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

A ESTRUTURA DA FRASE, DA ORAÇÃO E DO PERÍODO

O SUJEITO E SUA FUNÇÃO NA ORAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO DO SUJEITO

ORAÇÃO SEM SUJEITO

OS PRONOMES NA FUNÇÃO DE SUJEITO, E O SUJEITO E O EMPREGO DA VÍRGULA

AULA 2

PREDICAÇÃO VERBAL

TIPOS DE PREDICADO: O PREDICADO VERBAL

PREDICADO NOMINAL, PREDICADO VERBO-NOMINAL E PREDICATIVO

COMPLEMENTOS VERBAIS: OBJETO DIRETO E OBJETO INDIRETO

A TRANSITIVIDADE VERBAL E O CONTEXTO

AULA 3

COMPLEMENTO NOMINAL

AS VOZES VERBAIS

AGENTE DA PASSIVA

ADJUNTO ADVERBIAL

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJUNTOS ADVERBIAIS

AULA 4

ADJUNTO ADNOMINAL

DIFERENÇA ENTRE ADJUNTO ADNOMINAL E COMPLEMENTO NOMINAL

APOSTO

VOCATIVO

PONTUAÇÃO: TERMOS ACESSÓRIOS E O VOCATIVO

AULA 5

O ENSINO DE GRAMÁTICA EM SALA DE AULA

AS FUNÇÕES GRAMÁTICAS E O TEXTO

A ORDEM DOS TERMOS NA ORAÇÃO: A SINTAXE E A ÊNFASE

A SINTAXE, A REPETIÇÃO E OS TERMOS PLEONÁSTICOS

OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO, OMISSÃO DO TERMO SINTÁTICO E SINTAXE DE CONCORDÂNCIA

AULA 6

CIBERCULTURA

A NOÇÃO DE VIRTUAL NA CONDIÇÃO CONTEMPORÂNEA

DO TEXTO AO HIPERTEXTO

GÊNEROS HIPERTEXTUAIS I

GÊNEROS HIPERTEXTUAIS II

BIBLIOGRAFIAS

- COSTA, T. M. S. da et al. Língua Portuguesa: elementos básicos e acessórios para a análise sintática. Curitiba: InterSaberes, 2013.
- PERINI, M.A. Gramática do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2010.
- PASCHOALIN, M.A. Gramática: teoria e exercícios. Ed. Renovada. São Paulo: FTD, 2008.

DISCIPLINA:
LEITURA E SOCIEDADE

RESUMO

Em maior ou menor medida, temos consciência de que nossos textos serão lidos por alguém. Se escrevemos uma resposta em uma prova, sabemos que estamos escrevendo para um professor avaliar; se escrevemos um comentário em uma rede social, sabemos que ele será lido não apenas pela pessoa a quem o endereçamos, mas por outras pessoas imprevisíveis. Porém, quando estudamos comunicação e linguística textual, o papel do leitor dentro do processo de escrita e de produção de sentidos merece um enfoque maior.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

LINGUAGEM COMO INTERAÇÃO
LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS
INSTÂNCIAS MODELARES NA LEITURA
CONTEXTOS
CONHECIMENTOS EM JOGO

AULA 2

SITUACIONALIDADE E INFORMATIVIDADE
INTENCIONALIDADE E ACEITABILIDADE
INTERTEXTUALIDADE
COERÊNCIA
COESÃO

AULA 3

FUNÇÕES DA LINGUAGEM – FOCO NO EMISSOR E NO RECEPTOR
FUNÇÕES DA LINGUAGEM – FOCO NO CONTEXTO E NO CANAL
LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL
LINGUAGEM E TECNOLOGIA

AULA 4

GÊNEROS TEXTUAIS
TIPOS TEXTUAIS
DOMÍNIOS DISCURSIVOS
SEPARANDO PARA APROXIMAR: TIPOS E GÊNEROS TEXTUAIS
TECNOLOGIAS E GÊNEROS TEXTUAIS

AULA 5

SOCIOLINGUÍSTICA
VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS I
VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS II
PRECONCEITO LINGUÍSTICO

BIBLIOGRAFIAS

- CHRISTIE, A. Assassinato no Expresso Oriente. São Paulo: Folha de São Paulo: 2019.

- ANDRADE, C. D. Poesia 1930-62. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- KLEIMAN, A. Texto & leitor: aspectos cognitivos da leitura. Campinas, SP: Pontes, 2008.

DISCIPLINA: LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA
RESUMO
O cinema é arte que fascina o homem desde sua criação, há mais de 120 anos. A arte cinematográfica passou por muitas mudanças ao longo do tempo, e aqui abordaremos especialmente seus primórdios.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 A CRIAÇÃO OFICIAL DO CINEMA O CINEMA-ESPETÁCULO DO CINEMA ARTESANAL AO CONCEITO DE CINEMA INDUSTRIAL O INÍCIO DO CINEMA EM OUTROS PAÍSES
AULA 2 A SENSÇÃO DE “REALIDADE” DO CINEMA A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA A SEMIÓTICA APLICADA À LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA A IDEOLOGIA E A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA
AULA 3 OS DIFERENTES ÂNGULOS DE CÂMERA E SEUS EFEITOS PLANO CAMPO RITMO
AULA 4 CONTINUIDADE MONTAGEM MISE EN SCÈNE ATORES
AULA 5 A CHEGADA DO CINEMA "FALADO" O SOM E SUAS VERTENTES NO CINEMA A COR NO CINEMA A LUZ NO CINEMA
AULA 6 OS GÊNEROS CINEMATOGRAFICOS ROTEIRO ENREDO ESTILO E ORIGINALIDADE DOS CINEASTAS
BIBLIOGRAFIAS
<ul style="list-style-type: none">• BERNADET, J-C. O que é cinema. São Paulo: Brasiliense, 1980. Coleção Primeiros Passos.

- CARRIÈRE, J-C. A linguagem secreta do cinema. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- DUARTE, R. Cinema & Educação. São Paulo: Cortez, 2007.

DISCIPLINA: TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA
RESUMO
Neste material serão abordados: teoria e crítica literárias; conceito de literatura e fundamentos teóricos dos estudos literários; o lugar da teoria literária e seu percurso histórico; aspectos essenciais da teoria para compreensão, análise e crítica dos elementos constitutivos das várias formas de prosa de ficção e da poesia; interseções na educação.
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1 TEORIA CRÍTICA LITERATURA TEXTO LITERÁRIO OS ESTUDOS LITERÁRIOS HOJE
AULA 2 FORMALISMO RUSSO NOVA CRÍTICA ESTRUTURALISMO CONVERGÊNCIAS BALANÇO FINAL: A FORMA LITERÁRIA
AULA 3 A RELAÇÃO ENTRE O TEXTO E A REALIDADE: MIMESIS A RELAÇÃO ENTRE O TEXTO E A REALIDADE: OPOSIÇÕES SOCIOLOGIA DA LITERATURA FORMA LITERÁRIA E PROCESSO SOCIAL BALANÇO FINAL: A ABORDAGEM SOCIOLÓGICA HOJE
AULA 4 OS PRIMÓRDIOS: A HERMENÊUTICA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO A AULA HISTÓRICA DE H. R. JAUSS O ATO DA LEITURA, DE W. ISER BALANÇO FINAL: A TEORIA DA LEITURA HOJE
AULA 5 PROBLEMATIZAÇÕES O PÓS-ESTRUTURALISMO: LINGUAGEM E DESCONSTRUÇÃO ROLAND BARTHES PAUL DE MAN BALANÇO FINAL: O PÓS-ESTRUTURALISMO HOJE
AULA 6 ESTUDOS CULTURAIS E ESTUDOS LITERÁRIOS

CÂNONE E ANTICÂNONE
A CRÍTICA FEMINISTA
A CRÍTICA PÓS-COLONIAL
BALANÇO FINAL: OS ESTUDOS CULTURAIS HOJE

BIBLIOGRAFIAS

- NUNES, B. Ocaso da literatura ou falência da crítica? Revista Língua e Literatura, n. 24, p. 11-22, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/116029>.
- COMPAGNON, A. Literatura para quê? Tradução de Laura Teddei Brandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.
- TODOROV, T. Literatura em perigo. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

DISCIPLINA:

NOVAS LINGUAGENS E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

RESUMO

Esta é uma disciplina dedicada à linguagem escrita em que abordaremos sua história, o papel do leitor e do autor no contexto digital e também as estruturas e características da escrita, importantes para a prática da produção textual. Você já pensou em quantos momentos do nosso cotidiano a escrita é essencial? Então já deve ter percebido que ela se adequa a cada situação de maneira diferente! Um belo exemplo é a persistência dos livros em uma época em que a Internet disponibiliza muitas maneiras bem mais “ágeis” de leitura, como o áudio livro. E não é somente a escrita que se adapta, mas também a própria linguagem em si! Se pensarmos no surgimento do latim vulgar e sua evolução para as muitas línguas românticas (entre elas o Português), isso fica evidente, mas antigamente, as pessoas não viam as línguas por suas particularidades e não havia ainda uma ciência que estudasse a língua.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

INTRODUÇÃO

O QUE É CIBERCULTURA

AS LEIS DA CIBERCULTURA

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

TECNOLOGIA

COMO A ESCOLA SE RELACIONA COM A TECNOLOGIA

AULA 2

INTRODUÇÃO

TECNOLOGIA PARA VOCÊ

OS PRIMEIROS COMPUTADORES E AS ONDAS DA INFORMÁTICA

AÇÕES DA POLÍTICA DE INFORMÁTICA NO BRASIL

CURSOS PREPARATÓRIOS PARA O PROFESSOR: FALHAS

TECNOLOGIAS DEPENDENTES E INDEPENDENTES

AULA 3

INTRODUÇÃO

PROFESSOR: O FRACASSO DO PROJETO?

VOCÊ É UM PROFESSOR INCLUÍDO DIGITALMENTE?

A MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA

QUAIS AS VELHAS E AS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA?

MINHA ESCOLA NÃO TEM TECNOLOGIA, E AGORA?

AULA 4

INTRODUÇÃO

INFORMÁTICA NA ESCOLA: A PERSPECTIVA INSTRUCIONAL E A CONSTRUCIONISTA

LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA NA ESCOLA

SOFTWARE EDUCACIONAL

A ESCOLHA DO SOFTWARE

REA (RECURSO EDUCACIONAL ABERTO)

AULA 5

INTRODUÇÃO

DEFINIÇÕES DE INTERNET

A PESQUISA NA INTERNET

APRENDER

AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM

POSSIBILIDADES NA REDE

AULA 6

INTRODUÇÃO

LETRAMENTO

LETRAMENTO DIGITAL

TECNOLOGIAS DE ESCRITA E LETRAMENTO

HIPERTEXTO

OS MECANISMOS DE PRODUÇÃO, REPRODUÇÃO E DIFUSÃO DA ESCRITA

BIBLIOGRAFIAS

- BRITO, G. S. PURIFICAÇÃO, I. Educação e novas tecnologias: um repensar. 2. ed. Curitiba: InterSaberes: 2015.
- LEMOS, A.; CUNHA, P. Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2010.

DISCIPLINA:

ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

RESUMO

A linguística como ciência e suas contribuições para o ensino de línguas são temas que não podem ser preteridos quando se pretende abordar as relações de ensino-aprendizagem presentes em um idioma, seja língua materna ou estrangeira. Mas, bem antes de os estudos da linguagem serem empregados como fortes aliados ao ensino e às reflexões sobre as línguas, eram as especulações que nutriam o imaginário das pessoas a respeito de questões para as quais ainda hoje procuramos respostas.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

AULA 1

HISTÓRICO SOBRE OS ESTUDOS DA LINGUAGEM NO OCIDENTE

O QUE É LINGUAGEM?

EXISTE LINGUAGEM ANIMAL?

RELAÇÕES INICIAIS ENTRE GRAMÁTICA E LÍNGUA

O QUE É LINGÜÍSTICA?

AULA 2

A TEORIA DOS SIGNOS
AS DICOTOMIAS DE SAUSSURE I: SINCRONIA E DIACRONIA/LÍNGUA E FALA
AS DICOTOMIAS DE SAUSSURE II: SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO/SINTAGMA E PARADIGMA
CHOMSKY
JAKOBSON E AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM

AULA 3

POR QUE E COMO SE DIVIDEM OS ESTUDOS GRAMATICAIS?
FONOLOGIA
MORFOLOGIA
SINTAXE
SEMÂNTICA

AULA 4

LINGUÍSTICA TEXTUAL
A PRODUÇÃO TEXTUAL
AS CONSTRUÇÕES DE SENTIDO NO TEXTO: RELAÇÕES ENTRE TEXTUALIDADE E COERÊNCIA
ANÁLISE DO DISCURSO
COMO SE FAZ ANÁLISE DO DISCURSO?

AULA 5

PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL – UM NOVO OLHAR
A TERCEIRA ONDA DA SOCIOLINGUÍSTICA
O LUGAR DO ENUNCIADOR
HIPERTEXTO E OS NOVOS ELEMENTOS DE ANÁLISE
O QUE VAMOS FAZER COM A LINGUÍSTICA?

AULA 6

ESTUDOS DE PORTUGUÊS DO BRASIL E A LÍNGUA ESCRITA: UM NOVO OLHAR
O QUE O ESTILO GARANTE?
ESCREVER É PARA QUEM É ÁVIDO POR LER
COMO A LINGUÍSTICA SE COMPORTA OU COMO FAZEMOS COM QUE ELA CAMINHE
E O METADISCURSO, COMO FICA?

BIBLIOGRAFIAS

- FIORIN, J. L. (Org.) Introdução à linguística: objetos teóricos. v. 1. São Paulo: Contexto, 2012.
- DIAS, L. S.; GOMES, M. L. C. Estudos linguísticos: dos problemas estruturais aos novos campos de pesquisa. Curitiba: Ibpex, 2008.
- PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J. L. (Org.). Introdução à Linguística I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-24.